

**Quando *edere* é *excludere*: um estudo de caso do ‘Apuleio perdido’**

Antonio Stramaglia\*  
Universidade de Bari, Itália  
Tradução: Charlene Martins Miotti

**RESUMO:** Em 1624, Caspar von Barth publicou em seus *Adversaria* (XV, 17) alguns ‘novos fragmentos’ de Apuleio, tanto em prosa como em verso, supostamente descobertos em um misterioso manuscrito em sua posse. Este trabalho mostra que o manuscrito de Barth deve ser identificado com um códice atualmente em Zwickau (Alemanha) e, assim, demonstra que, dos supostos ‘novos fragmentos’, aqueles em prosa são tralatícios, e os poéticos foram forjados pelo próprio Barth; como resultado, todos esses itens devem ser excluídos de futuras coleções de fragmentos de Apuleio.

**Palavras-chave:** Apuleio; fragmentos; Caspar von Barth; falsificações.

**When *edere* is *excludere*: a case study from the ‘Lost Apuleius’**

155

**ABSTRACT:** In 1624 Caspar von Barth published in his *Adversaria* (XV, 17) some ‘new fragments’ from Apuleius, both in prose and verse, supposedly discovered in a mysterious manuscript in his own possession. This paper shows that Barth’s manuscript is to be identified with a codex now in Zwickau (Germany), and thereby demonstrates that, of the alleged ‘new fragments’, those in prose are tralatitious, the poetical ones were forged by Barth himself; as a result, all these items must be excluded from future collections of Apuleius’s fragments.

**Keywords:** Apuleius; fragments; Caspar von Barth; forgeries.



DOI

1. As edições dos fragmentos das obras perdidas de Apuleio incluíram, por pelo menos dois séculos, entre os remanescentes de *Libri incerti*, os apotegmas – em prosa e verso – apresentados da seguinte forma pelo último editor<sup>1</sup>, Jean Beaujeu:

18. (= C. Barthius *Aduers. Comment.* I, Frankfurt 1624, XV 17, p. 816). Sic inscribitur cap. 17 : «Appulei Secundi Philosophi Romani quaedam scita et sententiae ex membranis descriptae»; inter nonnullas ex aliis Apulei operibus excerptas, quae sequuntur sententiae nusquam repertae sunt, sed de istis membranis nihil cognouimus, ut incertum sit utrum ex Apulei deperditis libris re uera emanent an aliunde.

Sic igitur membranae ; Appuleius philosophus et poeta insignis fuit, cuius haec a scholasticis feruntur sententiae... Idem Appuleius dixit : quemadmodum natura os unicum, aures uero duas cuilibet ministravit, ita nos et loqui pauca et audire plurima debemus.

19 a-d. (= C. Barthius *I.c.* = E. Baehrens, *PLM* V, Teubner 1883, CII, p. 411).

Elusdem (= Appulei) haec feruntur :

19 a. Principium uitiae... obitus meditatio est.

19 b. Non uult emendari peccare nesciens.

19 c. Immoderata ira *genetrix* est insaniae.

19 d. Pecuniam amico credens fert damnum duplex :

Argentum <enim> et sodalem perdidit simul.

A fonte desses textos curtos são os torrenciais *Adversaria* de Caspar von Barth (1587-1658), apenas parcialmente publicados<sup>2</sup>. Trata-se de uma obra notoriamente controversa, resultante de leituras tão vastas quanto desordenadas. Ela contém observações e materiais de qualidade variável, incluindo algumas falsificações agora estabelecidas<sup>3</sup>. A suspeita, portanto, paira há muito tempo sobre Barth e, particularmente, sobre os ‘novos’ textos antigos que ele afirma ter descoberto em manuscritos inexplorados. Só em anos mais recentes surgiu uma abordagem livre de preconceitos, apta a avaliar a confiabilidade das indicações e atribuições oferecidas pelo estudioso caso a caso<sup>4</sup>. De fato, somente tal abordagem pode levar ao progresso nas passagens controversas aqui examinadas. Os cinco senários, em particular, foram incluídos sob o nome de Apuleio por Baehrens em *Poetae Latini Minores* (V, p. 411 [nº 102]) e por Riese em *Anthologia Latina* (I.22, p. 347 [nº 922]); mas em tempos mais recentes, sua

<sup>1</sup> BEAUJEU, 1973, p. 175-176. O primeiro a incluir esses itens entre os fragmentos de Apuleio foi, pelo que sei, [OUDENDORP -] BOSSCHA, 1823, p. 609.

<sup>2</sup> BARTH, 1624.

<sup>3</sup> Sobre os *Adversaria* de Barth, sua aventurosa história editorial e algumas falsificações comprovadas que eles contêm, WOLFF, 1997 (com a bibliografia anterior) é fundamental; veja depois, também para uma perspectiva mais ampla sobre os métodos e áreas de estudo de BARTH, WOLFF, 2006; BERLIN COURT, 2013, esp. p. 114-118; 2014, p. 127 e *passim*; abaixo, nn. 13 e 38. Um catálogo abrangente das obras filológicas e literárias de Barth está em DÜNNHAUPT, 1990, p. 401-421 (com correções em BERLIN COURT, 2014, p. 128 n. 13).

<sup>4</sup> Veja especialmente WOLFF, 1997, p. 50-51; 2006, p. 59.

autenticidade foi vista novamente com ceticismo<sup>5</sup> ou pelo menos cautela<sup>6</sup>. Um equilíbrio especial é, portanto, necessário.

2. Para romper o impasse, é essencial examinar os ‘novos fragmentos’ dentro do capítulo de *Adversaria* de Barth onde eles estão incluídos (XV, 17). Lá, após o título e uma breve introdução, seguem-se sequências de trechos, primeiro de Apuleio e depois da chamada *Vida de Segundo, o Filósofo*, uma ‘biografia popular’ anônima. Este último trabalho foi originalmente escrito em grego na segunda metade do século II d.C., como os papiros agora demonstram inequivocamente, e foi posteriormente difundido também em versões latinas e orientais até o final da Idade Média<sup>7</sup>. A fim de elucidar a natureza e a estrutura de *adv. XV, 17*, e a posição ocupada nele pelas passagens em exame, ofereço abaixo uma transcrição – tão fiel quanto possível – de todo o capítulo, com apenas pequenas adaptações na pontuação, na capitalização e similares. Também introduzi números de seção para facilitar a citação, e coloquei em itálico as observações do próprio Barth (1; 17-18) para distingui-las do que ele afirma ter extraído de seu manuscrito. Para a seção apuleiana, no final de cada trecho, referenciei a passagem da obra de Apuleio da qual o próprio trecho (embora em uma forma mais ou menos modificada) se originou. É geralmente a partir dessas mesmas passagens que obtive as correções para os vários erros flagrantes no texto de Barth, relatados entre colchetes ao lado das leituras corrompidas. Igualmente entre colchetes, ao lado das leituras que Barth afirma ter retirado do manuscrito, estão duas conjecturas suas, impressas por ele na margem (16).

*Appuleii et Secundi philosophi Romani quaedam scita et sententiae ex membranis descriptae*

1. *Quocunque nomine censemuntur, quia in nostras potissimum manus inciderunt, vivent postea summorum virorum sententiae licet ad inferioris aevi captum redactae. Sic igitur membranae:*

2. Appuleius philosophus et poeta insignis fuit, cuius hae a scholasticis feruntur sententiae: 3. Solet esse apud prudentes viros in operibus elaboratis vindicatio restitutioni [*l. iudicatio restrictior*]. In rebus subitaneis venia prolixior (~ *flor. plur. 1, 3 Magnaldi*). 4. Nulla enim potest esse res eadem simul festinata et elaborata. Nec est quicquam quod habere possit et laudem diligentiae simul et gratiam celeritatis (~ *flor. plur. 3, 4 M.*). 5. Nihil est Deo similius quam vir animae perfectione bonus (~ *Socr. 20, 7 M.*). 6. De

<sup>5</sup> MATTIACCI, 1985, p. 277 n. 159: os senários relatados por Barth, “a giudicare dalla lingua, sembrano tardi e indegni di Apuleio” (veja também abaixo, n. 33).

<sup>6</sup> HARRISON, 2004<sup>2</sup>, p. 21 n. 85 (com uma avaliação equilibrada dos argumentos a favor e contra a autenticidade).

<sup>7</sup> Todas as principais versões foram editadas, com extenso estudo monográfico, por PERRY, 1964. As γνῶμαι foram posteriormente republicadas separadamente por PAPATHOMOPOULOS, 1976 (cf. 1980), as versões orientais por HEIDE, 2014 (com tradução alemã anotada). Acrescento aqui apenas OVERWIEN, 2016, para uma visão geral atualizada, e UCCIARDELLO, 2016, para os papiros. A identificação de “Segundo, o ateniense” com o sofista de Atenas que foi professor de Herodes Ático (*Philostr. v. soph. II, 26, 82-83 Stefec*; cf. II, 1, 18, 1 S.) parece altamente provável depois de STEBNICKA, 2009, p. 127-133 (a partir de JANISZEWSKI, STEBNICKA, SZABAT, 2015, p. 327 [nº 933]).

nullo se tantum dicebat mirari, quantum quod omnes cupiunt optime vivere, et se<sup>8</sup> aliam vitam quam veram omnes componunt, scientes tamen optime vivere non posse, nisi animus tollat; oculi enim curandi sunt, ut cernatur acutius, pedes ut ambuletur velocius, brachia etiam vegetanda sunt, ut laboretur viribus, sed animus colendus est, ut vivatur melius (~ *Socr.* 21, 2-4 M.). **7.** Plures artes sunt, quas bonus sine erubescientia ignorare potest, bene autem vivere nescire neminem excusat (~ *Socr.* 22, 1 M.). **8.** Aequae homines spectare debemus, quibus amicis utimur, quam equos quos mercamur. Neque enim in equis emendis phaleras spectamus, et balteorum polimina inspicimus, sed corpus eius nudum ut sit ad speciem honestum, ad cursum velox, et ad vecturam validum (~ *Socr.* 22, 5 - 23, 2 M.). **9.** Sic itidem in hominibus contemplandis non aliena aestimare, sed ipsam animam penitam considerare opus est. Voco autem aliena quae parentes dederunt, et quae Fortuna largita est (~ *Socr.* 23, 4 M.). **10.** Nam si generosus est, nobilitatis primos laudas parentes. Si dives est, non crede fortunae. Iuvenis si est, in senectutem abit. Formosus est: exspecta paullisper et accidet humi, quemadmodum flosculi intra sepes. Sed si bonis artibus edoctus, quantum liberali sufficit, sapiens suis bonis iure laudabitur. Hic \*\* omnia dixit [*l.* Haec omnia, dixit], ipse meus Socrates habuit, et immo \* habere [*l.* ideo habere] cetera contempsit (~ *Socr.* 23, 6-8 M.).

**11.** Ad paupertatis commendationem haec verba conscripsit: Paupertas est thesaurus acceptus philosophis, est cibus sobriis, aemula adulationis. Neminem umquam superbia inflavit, neminem potentia damnavit, neminem ad tyrannidem effrenavit. Delicias ventris neque vult ulla, neque Veneris potest. Paupertas apud saecula omnium civitatum conditrix, omnium artium repertrix, omnium periturorum [*l.* peccatorum] inops. Eadem est paupertas in Aristide iusta, in Farrone [*l.* Phocione] benigna, in Epimenide serena [*l.* Epaminonda strenua], in Socrate sapiens, in Homero erudita. Quid ultra? Paupertas est, quae prorsus caret omni turba, omni invidia (~ *apol.* 18, 1-8).

**12.** Idem Appuleius dixit: **13.** Quemadmodum natura os unicum, aures vero duas cuilibet ministravit, ita nos et loqui pauca et audire plurima debemus. **14.** Non est eius honor qui honoratur, sed a quo impenditur.

**15.** Eiusdem haec feruntur: **16.**

Principium vitae obitus meditatio est.

Non vult emendari, peccare nesciens,

immoderata ira strictus [fructus *Barth mg.*] est insaniae.

Pecuniam amico credens [credere *Barth mg.*] est damnum duplex:  
argentum et sodalem perdidit simul.

**17.** *Haec membranae nullo apice minus aut amplius. Inquirere et emendare aliorum esto.* **18.** Secundi titulo in iisdem haec offendio:

<sup>8</sup> Seria de se esperar *sibi*, mas cf. PINKSTER, 2015, p. 170: “Double accusative constructions are common when neuter pronouns or neuter forms of adjectives are involved”, com uma ampla e diversa gama de casos em 163-174 (*passim*). De qualquer forma, a construção aqui pertence ao trecho, não à passagem original de Apuleio.

**19.** Hic dum in longinquis partibus studuisset, et de mulierum inconstantia toties mira audivisset, volens ea opere probare quae verbis audierat, reversus est in patriam, et matris suae domum se peregrino habitu contulit, suggessitque ibi ancillae, ut dominam sibi copularet, pro illa nocte decem talenta exinde receptura. **20.** Cumque omnia facta essent quae petierat, mater credens se alteri accubare, voluptatem expectabat. Ille illam caste in cubili ut matrem amplexatus est. Interque ubera ipsius usque ad mane dormivit. **21.** Cumque illa mane egredientem teneret, ‘Ut me tentares ista fecisti’ dicens, ‘Nequaquam,’ ait ‘domina mater; indignum enim esset me vas illud maculare, de quo prodivi’. **22.** Illa sciscitante quomodo, respondit filius: ‘Ego Secundus filius tuus sum secundis diis natus’; quo auditio mulier pudore victa spiritum exhalavit. **23.** Videns philosophus ex hac matrem exspirasse, legem sibi imposuit, amplius in vita non loqui.

**24.** Tamdem vero praesente Adriano imperatore nec ipsi loquutus est philosophus. Cui imperator: ‘Loquere Secunde, ut ex te discamus’. **25.** Illo autem silentii tenorem perseverante, princeps spicatori persuasit ut Secundum ad supplicium duceret, in via sugerens loqueretur irato principi. Si autem usque ultimum silentio perseveraret, illaesum reduceret. **26.** Quod et factum est. Miratus autem Adrianus constantiam viri: ‘Vicisti,’ inquit; ‘tolle modo tabulam et manu nos alloquere’. At ille principi haec verba depinxit: NEMO DOMINUS MEAE VOCIS. PERSONAE AUTEM VEL ARANEUS DOMINARI POTEST.

**27.** Scripsit deinde imperatori quaestiones problematum: **28.** MUNDUS est incessabilis circulus, cunctorum via et transitus. **29.** MARE mater aquarum, terrae amplexus. **30.** DEUS mens immortalis, incomprehensibilis certitudo, forma omniformis. **31.** COELUM sphaera volubilis, campus intelligentiae, hortus aeternitatis, theatrum vitale omnium. **32.** SOL oculus Dei, coeli et naturae sensus, temperator vitarum, horarum aeternus distributor. **33.** LUNA solis famula, tenebrarum arbitra, index malefactorum, directio aestuum, tempestatum et ventorum indicium. **34.** HOMO mens incarnata, anima subiecta tempori, lusus astrorum, speculator vitae, motus et mortis mancipium. **35.** TERRA basis mundi, mater corporum. **36.** DIES stadium laborum, viventium respectus, mortis calculatio. **37.** AËR custodia vitarum, animarum fundus. **38.** LUX rerum facies, colorum index. **39.** PLUVIA terrae exsudatio, nutrix fructuum. **40.** NEBULA tenuis nox. **41.** VENTUS aëris turbatio, mobilitas aquarum, siccitas terrae. **42.** AQUA subsidium vitae, fons fructuum, scatebra agilitatis, macularum ablutio. **43.** FLUMEN imago temporis, cursus indeficiens, refectio solis, irrigatio terrae. **44.** GELU frugum exsiccatio, pons aquarum naturalis. **45.** HYEMS caloris exsilium. **46.** VER parturitio terrae. **47.** AESTAS rerum voluptas, naturae praegnatio, venustas laborum. **48.** MULIER sollicitudo perpetua, humana furia, quotidianum damnum, perpetua iracundia, pondus immobile, necessarium malum. **49.** PULCRITUDO naturalis captio, parvi temporis flos, error humanus, omnium cupiditas, dulcis morbus, amabile tormentum.

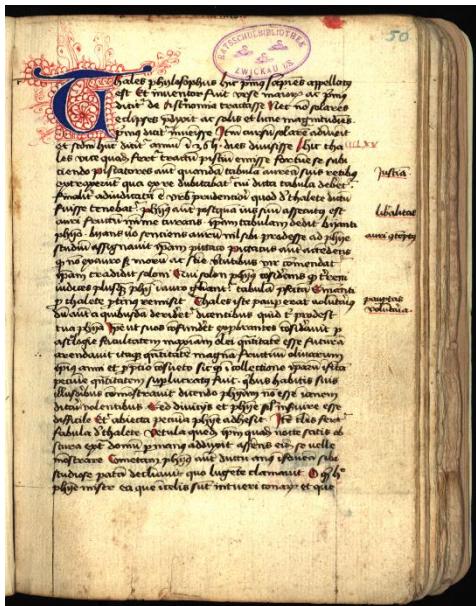


Imagen 1. Zwickau, Ratsschulbibliothek, X, f. 50r  
© Zwickau, Ratsschulbibliothek

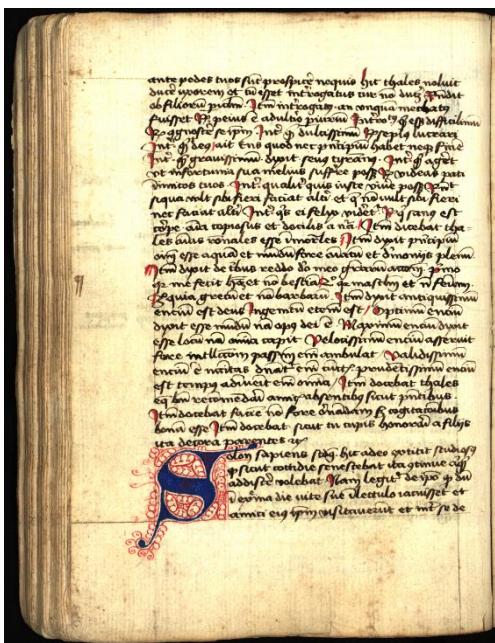


Imagen 2. Zwickau, Ratsschulbibliothek, X, f. 50v  
© Zwickau, Ratsschulbibliothek

3. Dadas as suspeitas que tradicionalmente pesam sobre Barth, é óbvio e crucial perguntar: o manuscrito de que ele fala realmente existiu? Para responder a essa pergunta, precisamos dar uma olhada no capítulo anterior de *Adversaria* (XV, 16), intitulado: “Certas máximas de homens sábios são trazidas à luz a partir de pergaminhos muito antigos, como foram encontrados lá por nós” (*Quaedam sapientum scita ex membranis pervetustis, ut inibi a nobis inventa sunt, in lucem protrahuntur*). O discurso começa assim (col. 814): “Tenho um velho códice escrito com uma pena, contendo vários ditos extraídos de vários autores. Desses, transcrevi alguns aqui, para que ainda possam ser de bom uso na vida – seja qual

for o seu conselho –, ao invés de perecerem” (*Veterem codicem calamo exaratum variarum sententiarum habeo, variis auctoribus excerptarum. Ex quibus isthuc quasdam descripsi, ut qualicunque etiam vitam iuvent monitu, potius quidem quam ut pereant*). Seguem-se algumas *sententiae* atribuídas a Galeno, com breve discussão, depois um longo trecho sobre Tales; por fim, a conclusão anuncia o próximo capítulo: “Mas, passando por cima de tudo isso em minha zelosa impaciência, relatarei aqui as máximas de dois [sc. sábios] do Lácio, Apuleio e Segundo, o filósofo...” (*Ego vero isthic studio ea trasvolans, duorum de Latio, Appulei et Secundi philosophi sententias huc depingam...*). Também para o capítulo sobre Apuleio e Segundo, portanto, Barth utilizará o mesmo “*vetus codex*” em sua posse.

Felizmente, consegui identificar esse manuscrito até então misterioso, que revelou-se ter sido preservado com segurança: trata-se de Zwickau, Ratsschulbibliothek, X, um códice de papel escrito em uma mão Bastarda do século XV (doravante: C)<sup>9</sup>. Sabemos com certeza que ele pertenceu a Barth e, como vários de seus outros manuscritos, foi posteriormente comprado dele por seu amigo Christian Daum (1612-1687). Daum acabou legando toda a coleção para a Escola Municipal de Zwickau, onde foi professor e depois diretor. Pelo menos uma parte dos materiais ainda está na biblioteca de lá<sup>10</sup>. Nas ff. 50r-76r, C contém o que só recentemente foi reconhecido como (uma versão resumida de) uma obra biográfico-gnomológica muito difundida do final da Idade Média: *De vita et moribus philosophorum*<sup>11</sup>. Há muito tempo atribuído a Walter Burley (ca. 1275-1344), mas agora geralmente considerado espúrio<sup>12</sup>, este escrito inclui

<sup>9</sup> De *Cygnea*, o nome latino de Zwickau. Sobre algumas características materiais e a datação do manuscrito, ver § 4 abaixo; uma descrição pode ser encontrada em SCHIPKE, 1990, p. 2-4 (e já em MÜLLER, 1888, p. 23-26, ainda útil). Minha identificação foi muito facilitada pela reconstrução meticolosa dos destinos do legado manuscrito de Barth realizada por CLEMEN, 1921 (aqui p. 282-283). O estudioso se referiu, entre outras coisas, a uma carta de novembro de 1650, na qual Christian Daum (em REINESIUS, 1670, p. 18) afirma expressamente: “Est is liber quem *Barthius 2. Adv. c.10. et alibi laudat*”; e de fato, *adv. II, 10* (col. 68): “An ea egregia historia [sc. de Alexandre Magno] edita umquam sit nescio, nos in charta scriptam habemus” está refletido em C, ff. 2r-49r, onde se encontra a chamada *Historia de proelii Alexandri Magni*. Após essa obra anônima no manuscrito estão o *Epitaphium Alexandri* (f. 49v), *De vita et moribus philosophorum* de [Walter Burley] (ff. 50r-76r: veja abaixo no texto principal), alguns *Carmina Mariana* (ff. 76v-93r), trechos da *Historia scholastica* de Petrus Comestor (ff. 94v-113r), e finalmente – após uma folha rasgada (entre as ff. 113 e 114) – esboços de animais e de uma figura humana (f. 114r-v, meia página), e fragmentos de um tratado sobre intervalos musicais (f. 115v; o *recto* está em branco). Consulte também [https://www.mirabileweb.it/manuscript/zwickau-ratsschulbibliothek-\(stadtarchiv\)-x-manuscript/165523;](https://www.mirabileweb.it/manuscript/zwickau-ratsschulbibliothek-(stadtarchiv)-x-manuscript/165523;) <http://www.manuscripta-mediaevalia.de/?xdbtdn!%22obj%2090481810,T%22&dmode=doc#|4.>

<sup>10</sup> Cf. SCHIPKE, 1990, p. xi-xii. Sobre Daum e a experiência da Escola Municipal de Zwickau, que era bastante avançada para sua época, veja extensivamente ROSS, 2008 (p. 59-91 sobre a figura de Daum; p. 65-66 e p. 75-76 sobre seu relacionamento com Barth).

<sup>11</sup> Cf. SCHIPKE, 1990, p. 3 (e veja a próxima nota). No entanto, a dependência de Barth em relação ao *De vita* (para a *Vida de Segundo*) já havia sido percebida por KNUST, 1886, p. 258-259 n. b.

<sup>12</sup> Desde GRIGNASCHI, 1990a (e cf. 1990b). CARVER, 2007, p. 113-116 e GAISSER, 2008, p. 69-71 apresentam uma boa visão geral da obra e das questões de atribuição, particularmente – mas não exclusivamente – com relação a Apuleio. O *De vita* existe tanto em uma versão ‘original’ completa quanto em uma versão resumida. A última ainda não foi publicada (uma apresentação detalhada é feita por VIDMANOVÁ, 1990); para a primeira, ainda é preciso recorrer a KNUST, 1886 (até hoje a edição padrão, mas baseada apenas em edições impressas do século XV e início do século XVI, nã o em manuscritos) e STIGALL, 1956 (nunca propriamente publicada, baseada em seis manuscritos selecionados como algumas das testemunhas mais antigas, mas nã o a partir de uma *recensio*

todos os diversos textos mencionados em *adv.* XV, 16-17. Que para esta seção de *Adversaria* Barth tenha utilizado C já é aparente na correspondência próxima entre a redação do capítulo sobre Tales em *adv.* XV, 16 e o que é encontrado em C na f. 50r-v (figs. 1-2). Qualquer pessoa com paciência suficiente para comparar os dois textos notará uma coincidência quase literal por um longo período no início, depois uma mudança gradual em direção à paráphrase e, por fim, a excertos: um método totalmente consistente com a abordagem professada por Barth em relação a suas fontes, por mais aleatória que possa nos parecer<sup>13</sup>. Uma análise sinóptica dessa seção, no entanto, torna-se supérflua quando passamos para o bloco textual subsequente e primordial: o apuleiano.

Os excertos de Apuleio contidos nas seções 3-11 de *adv.* XV, 17 são comuns a toda a tradição do *De vita et moribus philosophorum*; mas, até onde pude verificar<sup>14</sup>, a redação e – acima de tudo – os erros (juntamente com algumas peculiaridades relacionadas) no texto de Barth mostram uma correspondência quase sistemática especificamente e somente com C. Pode-se, por exemplo, comparar o seguinte<sup>15</sup>:

Barth, *adv.* XV, 17

3. Solet esse apud prudentes viros in operibus elaboratis **vindicatio restitutioni** [l. iudicatio restrictior]. In rebus subitaneis venia prolixior.

10. Nam si generosus est, nobilitatis primos laudas parentes. Si dives est, **non crede** fortunae. Iuvenis si est, in senectutem abit. Formosus est: expecta paullisper et accidet humi, quemadmodum flosculi intra sepes. Sed si bonis artibus edoctus, quantum liberali sufficit, sapiens suis bonis iure laudabitur. Hic \*\* omnia dixit [l. Haec omnia, dixit], ipse meus Socrates habuit, et immo \* habere [l. ideo habere] cetera contempsit.

11. Ad paupertatis commendationem haec verba conscripsit: Paupertas est

C, f. 67r-v (figs. 3-4)

[3.] Solet esse apud prudentes viros in operibus elaboratis **vindicacio restitucioni**. In rebus subitaneis venia prolixior.

[10.] Nam si generosus est, primos lauda nobilitatis parentes. Si dives est, **non crede** fortune. Iuvenis si fores, in senectutem abies. Formosus es: expecta paulisper et accidet tibi quemadmodum floribus in orto. Sed si bonis artibus edoctus, et quantum homini sufficit, sapiens iure laudaberis. Hoc enim nec a patre hereditarium est nec a casu pendulum nec a corpore caducum nec ab etate mutabile. Hec omnia, dixit, ipse meus Socrates habuit, et ideo habere cetera contempsit.

analítica). A seguir, fornecerei referências a ambas as edições, mas citarei o texto da edição de Stigall; uma edição crítica adequada é um *desideratum* de longa data.

<sup>13</sup> A extensa nota sobre seu próprio método de trabalho em BARTH, 1664, III, p. 466 (ad Stat. *Theb.* VI, 321) é esclarecedora; ela é reproduzida e discutida em BERLINCOURT, 2013, p. 137-139. De modo mais geral, HOFFMEISTER, 1931, p. 33-36; p. 150-151 (notas) continua sendo muito útil.

<sup>14</sup> Nomeadamente comparando as edições disponíveis da versão completa do *De vita* (veja acima, n. 12), e colacionando os três manuscritos-chave de sua versão resumida e não publicada (veja abaixo, n. 20).

<sup>15</sup> Reproduzirei o texto manuscrito sem nenhuma modificação além da adição de sinais de pontuação e do uso ‘normalizado’ de letras maiúsculas e minúsculas.

thesaurus acceptus philosophis, est cibus sobriis, aemula adulacionis. Neminem umquam superbia inflavit, neminem potentia damnavit, neminem ad tyrannidem effrenavit. Delicias ventris neque vult ulla, neque Veneris potest. Paupertas apud saecula omnium civitatum conditrix, omnium artium repertrix, omnium periturorum [l. peccatorum] inops. Eadem est paupertas in Aristide iusta, in **Farrone** [l. Phocione] benigna, in **Epimenide serena** [l. Epaminonda strenua], in Socrate sapiens, in Homero erudita. Quid ultra? Paupertas est, quae prorsus caret omni turba, omni invidia.

[11.] Hic ad paupertatis comendacionem hec verba conscripsit: Paupertas est thesaurus acceptus philosophis, est cibus sobriis, emula adulacionis. Neminem umquam superbia inflavit. Neminem potentia dampnavit. Neminem in tyrannidem effrenavit. Delicias ventris neque volt ulla neque potest. Paupertas apud secula omnium civitatum conditrix, omnium arcium repertrix, omnium peccatorum inops. Eadem est enim paupertas in Aristide iusta, in **Farrone** benigna, in **Epimenide serena** in Socrate, [dist. C] sapiens in Homero. Quid ultra? Paupertas est res que prorsus caret omni invidia.

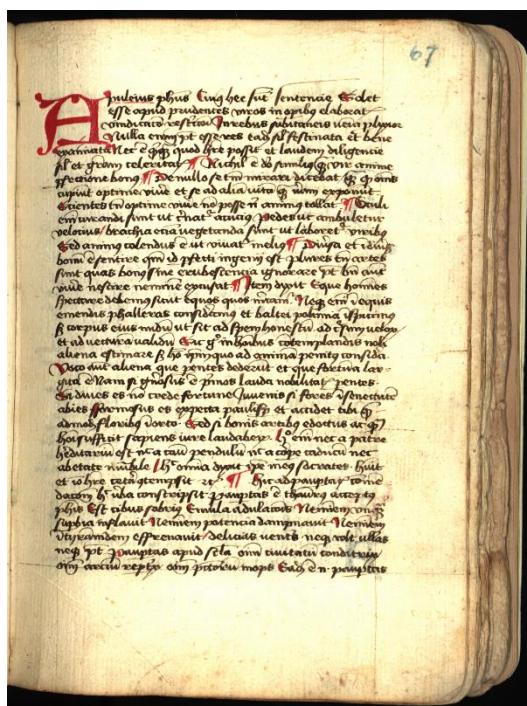


Imagen 3. Zwickau, Ratsschulbibliothek, X, f. 67r  
© Zwickau, Ratsschulbibliothek



Imagen 4. Zwickau, Ratsschulbibliothek, X, ff. 67v-68r  
© Zwickau, Ratsschulbibliothek

Ambos os textos compartilham todos os erros mais característicos. Além disso, Barth tem um imperativo negativo *non crede* (10) que é desconcertante em si mesmo, mas facilmente explicável precisamente à luz de C: em cujo latim tardio essa construção não é uma surpresa<sup>16</sup>, e é aqui garantida pelo paralelo com o imperativo *lauda* no período anterior (onde Barth tem *laudas*; Apul. *Socr.* 20, 6 Magnaldi lê: *laudas... non credo*). Em suma, apesar de sua habitual desocupação em reproduzir a redação de suas fontes, a omissão de uma frase<sup>17</sup>, e algumas expansões erradas de abreviações<sup>18</sup>, Barth não podia deixar de ter o C à sua frente: ainda mais porque ele o possuía! Assim, o que se lê (ou não...) em C é bastante surpreendente quando comparado ao que se segue no capítulo de Barth. Deve-se notar de antemão que, tanto nas edições disponíveis do *De vita et moribus philosophorum*<sup>19</sup> como nos manuscritos de amostra de sua versão resumida que eu colacionei<sup>20</sup>, o capítulo sobre Apuleio termina correspondendo à nossa seção 11; o que vem depois, tanto em Barth como no códice de Zwickau, é, portanto, *terra incognita*.

<sup>16</sup> Cf. LÖFSTEDT, 1966, p. 15-16; p. 61-66.

<sup>17</sup> Em 10 Barth omite: *Hoc enim—mutable*. A omissão será acidental, a menos que, na frase subsequente, os dois asteriscos incompreensivelmente colocados por Barth a pós o *hic* inicial (onde nada está faltando) devam ser entendidos como mal impressos e, na verdade, devam ser colocados antes desse *hic*, indicando que a frase anterior foi deixada de fora por algum motivo.

<sup>18</sup> 10: *hic* Barth, *hec* C; *immo* Barth, *ideo* C; 11: *periturorum* Barth, *peccatorum* C.

<sup>19</sup> Ver acima, n. 12.

<sup>20</sup> Trata-se das três *Leithandschriften* destacadas por VIDMANOVÁ, 1990, p. 256 n. 13, nomeadamente: Praha, Národní Knihovna, I F 9, ff. 35r-83v (Prelog 1983, nº 177; s. XIV-XV); Olomouc, Zemský Archiv, C.O. 240, ff. 1r-68r (Prelog 1983, nº 138; s. XV<sup>in</sup>); Wien, Schottenstift, 353 (55.b.5), ff. 1r-46v (Prelog 1983, nº 258; s. XIV). Verifiquei todas as três testemunhas em reproduções digitais, gentilmente fornecidas pelas respectivas instituições.

Uma primeira e curta sequência ainda mostra uma coincidência substancial entre os *Adversaria* e o manuscrito:

Barth, *adv. XV*, 17

C, f. 67v (fig. 4)

**12.** Idem Appuleius dixit: **13.** Quemadmodum natura os unicum, aures vero duas cuilibet ministravit, ita nos et loqui pauca et audire plurima debemus. **14.** Non est eius honor qui honoratur, sed a quo impenditur.

[12.] Hic eciam dixit: [13.] Quemadmodum natura os unicum, aures vero duas cuilibet ministravit, ita et nos loqui pauca et audire plura debemus. [14.] Item dixit: Honor est impendentis, non eius qui honoratur.

Com isso, alcançamos uma primeira e importante certeza: fr. 18 Beaujeu = 13 não é uma invenção de Barth. O conteúdo é familiar<sup>21</sup>: um aforismo de Zenão de Cílio, amplamente difundido (seja ou não sob o nome do grande estoico) até os dias atuais<sup>22</sup>. Logo após isso, C traz uma surpresa: outro ditado em prosa atribuído a Apuleio, mas nunca coletado nas edições apuleianas, embora presente em Barth (14: marcadamente reformulado, confirmando o tratamento livre que Barth fazia de suas fontes). É lícito supor que este item tenha sido negligenciado por um descuido (devido à pressa?) de Johannes Bosscha, o primeiro editor de Apuleio a incluir as máximas relatadas por Barth<sup>23</sup>: um descuido possivelmente repetido de maneira mecânica pelos editores subsequentes, como costuma ocorrer. Seja como for, o conteúdo é facilmente identificável também nesse caso: é uma versão latina de uma famosa declaração da *Ética a Nicômaco* de Aristóteles<sup>24</sup>.

Depois desses dois apotegmas, Barth apresenta (16) os senários correspondentes aos fr. 19a-d Beaujeu: e ele pretende fazer isso com a máxima precisão. Os versos – o único caso em *adv. XV*, 17 – são impressos em itálico,

<sup>21</sup> Pace HILDEBRAND, 1842, II, p. 639: “quae sententia nusquam legitur”; ainda sem paralelos em BEAUJEU, 1973, p. 175-176.

<sup>22</sup> Cf. Zen. *SVF* I, 310 = Stob. III, 36, 19 Hense: Ζήνων πρὸς τὸν πλείω λαλεῖν θέλοντα ἡ ἀκούειν ‘Νεανίσκε’ εἶπεν ‘ἡ φύσις ἡμῶν γλῶτταν μὲν μίαν, δύο δὲ ὡτα παρέσχεν, ἵνα διπλασίονα ὅν λέγομεν ἀκούωμεν’ e Diog. Laert. VII, 23: Πρὸς τὸ φυλαροῦν μειράκιον ‘Διὰ τοῦτο’ εἶπε ‘δύο ὡτα ἔχομεν, στόμα δὲ ἕν, ἵνα πλείω μὲν ἀκούωμεν, ἥττονα δὲ λέγωμεν’; também, sem menção a Zeno, Plut. *garrul.* 1, 502c; *de aud.* 3, 39b (igualmente em *SVF*, cit.). Para uma ampla recepção adicional, veja <https://sententiaeantiquae.com/2020/01/30/we-have-two-ears-one-mouth-and-many-more-ascriptions/>.

<sup>23</sup> Pelo menos que eu saiba: veja acima, n. 1.

<sup>24</sup> Cf. Aristot. *eth. Nic.* I, 1095b, 24-25: δοκεῖ γὰρ [sc. τιμή] ἐν τοῖς τιμῶσι μᾶλλον εἶναι ἡ ἐν τῷ τιμωμένῳ. O ditado era bem conhecido no Ocidente medieval, graças, em particular, a suas repetidas menções em Tomás de Aquino; cf. *Summa theologiae* II.1, 2, 2: *Honor autem non est in eo qui honoratur, sed magis in honorante, qui reverentiam exhibet honorato, ut philosophus dicit in I ethic.*; II.2, 99, 1: *honor est in honorante, non autem in eo qui honoratur, ut dicitur in I ethic.*; *Sententia libri Ethicorum* I, 5, 64: *honor magis videtur consistere in actu quodam honorantis et in eius potestate, quam ipsius etiam qui honoratur.*

indicando uma citação literal; duas emendas são relegadas à margem (ver § 2 acima); e como garantia final, o leitor é assegurado (17): “Assim o pergaminho: nem uma única marca a mais ou a menos” (*Haec membranae nullo apice minus aut amplius*). As expectativas são, portanto, altas: por isso, é ainda mais desconcertante descobrir que, nesse ponto, em C, não há... nada! Com os dois ditos em prosa mencionados acima (13-14), a seção dedicada a Apuleio termina na f. 67v. Mas então, de onde vêm os senários? O próprio Barth parece desafiar alguém a fazer essa pergunta (17): “Que outros investiguem e emendem” (*Inquirere et emendare aliorum esto*). Felizmente, a resposta é encontrada um pouco mais adiante no próprio manuscrito. Na parte inferior da mesma f. 67v, o seguinte registro é atribuído a Demades (e circulado por uma mão claramente posterior àquela que escreveu o texto):

*Amico si mutuavero pecuniam meam, ipsum cum prestita pecunia mea perdam*<sup>25</sup>.

Em seguida, na f. 68r, o capítulo sobre Epicuro inclui as seguintes máximas – todas retiradas de Sêneca (fig. 4):

*Inicium salutis est noticia peccati et mortis meditacio. Corrigi non volt qui peccare se nescit. Item dixit: Ira inmoderata insaniam gignit*<sup>26</sup>.

A mesma mão também circulou essa sequência e anotou na margem: “ad Apul(eium)”. Apesar da brevidade da nota, tudo aponta para a identificação da escrita como sendo de Barth: por um lado, ela é altamente compatível com as outras amostras existentes de sua escrita<sup>27</sup>; por outro lado, deve-se lembrar que

<sup>25</sup> BEAUJEU, 1973, p. 176 n. 4 e HARRISON, 2004<sup>2</sup>, p. 21 referem-se, para isso, a Plaut. *Trin.* 339-340, que, no entanto, é apenas parcialmente relevante. Uma correspondência melhor é *Trin.* 1051-1054: *Si cui mutuum quid dederis, fit pro proprio perditum: / quom repetas, inimicum amicum beneficio invenias tuo. / Si mage exigere occipias, duarum rerum exoritur optio: / vel illud quod credideris perdas, vel illum amicum amiseris;* e ainda mais CLE 352 = CLEPann 24 (um grafite em um azulejo de Savaria; provavelmente do século III d.C.): *Credere[re] vix d[u]bito, set amicum amittere n[on]olim: / si tibi credidero, non te tam sepe vid[e]bo* (veja MONDIN, 2009, p. 455, que também se refere à situação de Auson. *epist.* 15, 17ss. Green<sup>2</sup>; MENNELLA, 2012, p. 317). No entanto, a forma apotegmática parece encontrar paralelos – em várias línguas – somente a partir da Idade Média: veja KNUST, 1886, p. 271 n. e; SINGER, 1996, p. 66-67 (celebremente Shakespeare, *Hamlet* 1, 3, 76: “loan oft loses both itself and friend”).

<sup>26</sup> Os dois primeiros são extraídos de Sen. *epist.* 28, 9: ‘*Initium est salutis notitia peccati*’. *Egregie mihi hoc dixisse videtur Epicurus* (fr. 522 Usener = 224 Arrighetti<sup>2</sup>); *nam qui peccare se nescit, corrigi non vult*; no primeiro caso, no entanto, o ditado de Epicuro é misturado com uma famosa expressão platônica (*Phaed.* 81a, 1-2, mais conhecida em Roma por Cic. *Tusc.* I, 74: *Tota... philosophorum vita... commentatio mortis est*; cf. Apul. *Plat.* II, 21, 5 Magnaldi: *existimandam philosophiam esse mortis affectum consuetudinemque moriendi*; mas em VOGEL, 2006, p. 172-173). O terceiro epígrama se origina de Sen. *epist.* 18, 14-15: *Delegabo te ad Epicurum...: inmodica ira gignit insaniam*’ (fr. 484 U. = 246 A.<sup>2</sup>). ... *Ita est, mi Lucili: ingentis irae exitus furor est*; cf. Apoll. Tyan. *epist.* 86 = Stob. III, 20, 48 Hense: Τῆς ὀξυθυμίας τὸ ἄνθος μανία; e já Cic. *Tusc.* IV, 52: *An est quicquam similius insaniae quam ira? Quam bene Ennius* (inc. 18 Vahlen<sup>2</sup>) ‘*initium*’ dixit ‘*insaniae*’ (mais em TOSI, 2017<sup>2</sup>, p. 1583-1585 [nº 2304]).

<sup>27</sup> Para citar apenas materiais facilmente acessíveis, cf.:

C teve apenas dois proprietários nos tempos modernos antes de entrar na biblioteca de Zwickau: o próprio Barth e o já mencionado Daum, cuja caligrafia é visivelmente diferente (cf. a nota de Daum na f. 93r)<sup>28</sup>.

Tanto o registro atribuído a Demades como os três atribuídos a Epicuro também aparecem – sob os mesmos autores – no texto atual do *De vita et moribus philosophorum*<sup>29</sup>; e são claramente esses materiais que formam a base dos *senarii* que lemos em Barth. O quadro agora está claro: o próprio Barth retrabalhou quatro conhecidos apotegmas, mais ou menos antigos, em uma forma métrica, e os atribuiu *suo Marte* a Apuleio. Esse é um tipo familiar de retrabalho; por exemplo, alguns anos antes, Joachim Camerarius havia transformado um grande número de máximas – a maioria tirada de Sêneca<sup>30</sup> – em senários, e essas incluíam (quase em sequência): *Immodica gignit ira saepe insaniam; Noticia peccati est salutis initium; Non vult negans peccare sese corrigi*<sup>31</sup>. O próprio Barth, em seus *Fabularum Aesopiarum libri III* (1612)<sup>32</sup>, havia vertido muitas fábulas esópicas em senários e outros metros. O que chama a atenção, portanto, não é a operação em si, mas o cuidado tomado para disfarçá-la, alegando a origem apuleiana dos textos. Tal cuidado, com certeza, não deveria ter enganado os estudiosos modernos: pois em

- [https://www.europeana.eu/it/item/92065/BibliographicResource\\_1000056108674](https://www.europeana.eu/it/item/92065/BibliographicResource_1000056108674);

- [https://www.europeana.eu/it/item/92065/BibliographicResource\\_1000056110781](https://www.europeana.eu/it/item/92065/BibliographicResource_1000056110781);

- [https://dhb.thulb.uni-jena.de/receive/ufb\\_cbu\\_00025335](https://dhb.thulb.uni-jena.de/receive/ufb_cbu_00025335).

A propensão para ilhós pequenos e arredondados é especialmente notável. Além disso, como Federico Capizzi (*per litteras*) me apontou, “un indizio utile, anche se non dirimente, potrebbe essere pure il fatto che Barth realizzò la *a* minuscola con un solo tratto, lasciando spesso e volentieri l’occhiello aperto proprio come nella postilla al ms. di Zwickau”.

<sup>28</sup> De acordo com o Dr. Lutz Mahnke (*per litteras*), depois de gentilmente verificar o original em Zwickau. Estou profundamente agradecido ao Dr. Mahnke pelas excelentes reproduções digitais do manuscrito de Zwickau que ele me forneceu prontamente.

<sup>29</sup> Resp. 62, p. 270 Knust = p. 164 Stigall: *Amico mutuam me rogante pecuniam, ipsum et pecuniam perdo;* 64, p. 276 K. = p. 167-168 S.: *Inicium salutis est noticia peccati, meditari mortem. Corrigi non vult qui peccare se nescit. Ira immoderata insaniam gignit.*

<sup>30</sup> *Gnomae sive sententiae generales senariis versibus comprehensae*, composta em seus anos de juventude (ed. CAMERARIUS, 1583, p. 219-226; cf. p. 218 sobre a gênese dessa pequena obra).

<sup>31</sup> CAMERARIUS, 1583, p. 224 (= Walther - Schmidt 1983, resp. n° 37340; 39026; 39019). Para as fontes antigas, veja acima, n. 26.

<sup>32</sup> Ed. BARTH, 1612, p. 251-287.

apenas cinco versos encontramos características métricas<sup>33</sup> e sintáticas<sup>34</sup> totalmente incompatíveis com o uso de Apuleio. No entanto, o debate filológico permaneceu em suspenso por dois séculos.

4. Em conclusão, os senários que constituem o fr. 19 Beaujeu (~16) são uma falsificação flagrante de Barth, criada pelo retrabalho de materiais alótrios. Quanto ao fr. 18 Beaujeu, em princípio ele poderia ser expandido para incluir não apenas um, mas dois registros (~13-14), com base no conteúdo do códice de Zwickau. Mas que autoridade pode ter essa fonte, à luz do que vimos até agora? Além disso, a autoria de 13-14 remonta a muito antes de Apuleio, como mostrado acima (§ 3). Em teoria, o Madauriano poderia ter traduzido essas máximas e possivelmente as coletado em seu *De proverbiis* perdido<sup>35</sup>. Mas dada a falta de qualquer evidência concreta para apoiar isso, a fluidez das fontes e a frequente fabricação de textos supostamente apuleianos – exemplificada por Barth entre muitos outros<sup>36</sup> –, ambos os fr. 18 e 19 Beaujeu não podem mais ser legitimamente incluídos entre o que nos resta das obras perdidas de Apuleio.

Quanto ao próprio Barth, os *adv.* XV, 16 e 17 não apenas confirmam seu descaso com o texto exato das fontes que ele usou, juntamente com suas habilidades paleográficas nada impecáveis: eles revelam, como dito, uma falsificação deliberada. Parte dessa falsificação certamente também é a afirmação

<sup>33</sup> Em apenas cinco senários encontramos dois hiatos (fr. 19a Beaujeu: *-tae | obi-*; fr. 19d, 2 B. *-tum | et*), repetidamente removidos por conjectura – veja o aparato de BEAUJEU, 1975, p. 176 – mas injustificadamente (*vitae obitus*, em particular, claramente busca uma oposição deliberada). Apuleio, por outro lado, não apresenta nenhum hiato em seus 32 senários sobreviventes (fr. 2 e 7 Courtney; também não há hiato nos 17 dímetros iâmbicos do fr. 6 C.). É somente de p o i s dele que a revivida poesia em senários começa a imitar certas características da métrica plautina, especialmente a liberdade no uso do hiato: uma liberdade que persistiu até a Antiguidade tardia e além (veja em detalhes DEUFERT, 2002, p. 270-292, esp. 274). Além dessa discrepância, há outra, um pouco menos perceptível. Como demonstrado pelo já negligenciado CASTORINA, 1950, p. 18-21, todos os versos iâmbicos sobreviventes de Apuleio – tanto senários quanto dímetros – exibem uma coincidência marcante entre a sílaba *in arsi* e a posição do acento tônico na palavra: isso equivale a quase 94% do total, com porcentagens uniformes em composições individuais. Por si só, esses dados confirmam (cf. STEINMETZ, 1982, p. 223-224; p. 341) o esforço para reconciliar o ‘antigo’ acento melódico com o acento de intensidade cada vez mais dominante, que Apuleio busca também em sua prosa filosófica, antecipando a prática da Antiguidade tardia; mas o que importa aqui é que os senários relatados por Barth não refletem uma atenção igualmente rigorosa. Considere especialmente fr. 19d, 1-2 B.: três incompatibilidades entre a *arsis* e o acento tônico (*damnum; duplex; simul*) em apenas dois versos.

<sup>34</sup> Os cinco senários exibem um nominativo singular substantivado do particípio presente duas vezes (fr. 19b Beaujeu: *nesciens*; fr. 19d, 1 B.: *credens*). É um uso não óbvio em latim (ver HOFMANN, SZANTYR, 1972<sup>2</sup>, p. 156; e, em nosso caso específico, MATTIACCI, 1985, p. 277 n. 159), e completamente estranho ao idioleto de Apuleio: em todo o corpus de suas obras sobreviventes, aos previsíveis *sapiens* e *adulescens* junta-se apenas o neutro ‘filosófico’ *accidens* (*Plat. II, 2, 3 Magnaldi*).

<sup>35</sup> Ao qual HARRISON, 2004<sup>2</sup>, p. 20-21 duvidosamente atribuiu fr. 18-19 Beaujeu.

<sup>36</sup> É bem sabido que as citações de obras ‘apuleianas’, tanto “autentiche e pseudoepigrafe[,] circolavano già dalla tarda antichità in lavori eruditi, e nell’alto medioevo – prima ancora che in età umanistica – erano stati forgiati falsi apuleiani in virtù della riconosciuta auctoritas linguistica del Madaurense” (BRANCALEONE, 2000, p. 8, com referências em 6-7). Foi um fenômeno vasto e de longo alcance, pois envolveu não apenas a área de língua latina (onde atingiu seu auge com o *Cornu copiae* de Niccolò Perotti: veja novamente BRANCALEONE, 2000), mas também o mundo de língua grega. Em Bizâncio, por exemplo, capítulos inteiros dos *Geponica* foram sub-repticiamente atribuídos a Apuleio simplesmente adicionando seu nome à *inscriptio* desses capítulos (sobre essa prática, que também envolveu outros autores, ver agora SCARDINO, 2015, p. 51-56)!

sobre a natureza e a idade do manuscrito no qual o estudioso alegou se basear: “membranae pervetustae”, ele sustentou, mas na realidade um manuscrito que não é nem pergaminho (C é papel)<sup>37</sup> nem muito antigo (a f. 49r traz a data explícita de 1434). Em suma, Barth tinha um manuscrito diante de si, que ainda preserva quase todos os textos relatados ou descritos – com vários graus de precisão – em *adv. XV*, 16-17; quase, porque entre esses textos o estudioso inseriu uma fabricação própria<sup>38</sup>, apoiada por supostos elementos de validação tanto internos (§ 3) quanto – como acabou de ser visto – externos. Os estudos atuais tendem a reabilitar a figura de Barth: mas, ao final de nossa investigação, é difícil não revelar nesse estudioso a “malignitas” da qual ele foi acusado<sup>39</sup>.

## REFERÊNCIAS<sup>40</sup>

BARTH, Caspar von. **Opuscula varia. Nunc primum edita...** Hanoviae: Typis Willierianis, 1612.

BARTH, Caspar von. **Adversariorum commentariorum libri LX...** Francofurti: Typis Wechelianis, 1624 (= Francofurti: Sumptibus Iohannes Pressii Bibliopolae, 1648).

BARTH, Caspar von. **Publpii Papinii Statii quae exstant... I-III.** Cygneae: Ex officina Melchioris Gopneri, 1664 (no apêndice do vol. III: *Indices*, por Christian Daum, *ibid.* 1665).

BEAUJEU, Jean. **Apulée.** Opuscules philosophiques... et fragments. Paris: Les Belles Lettres, 1973.

BERLINCOURT, Valéry. **Commenter la Thébaïde (16<sup>e</sup>-19<sup>e</sup> s.).** Caspar von Barth et la tradition exégétique de Stace. Leiden – Boston: Brill, 2013.

BERLINCOURT, Valéry. Commenting on Claudian's 'Political Poems', 1612/1650. In: ENENKEL, Karl A. E. (ed.). **Transformations of the Classics via Early Modern Commentaries.** Leiden – Boston: Brill, 2014. p. 125-150.

BRANCALEONE, Francesca. **Citazioni 'apuleiane' nel *Cornu copiae* di Niccolò Perotti.** Genova: Istituto Internazionale di Studi Piceni, 2000.

<sup>37</sup> Como o próprio Barth reconhece em *adv. II*, 10: cf. acima, n. 9.

<sup>38</sup> Um exemplo particularmente semelhante do mesmo procedimento foi ‘desmascarado’ por MOMMSEN, 1874, p. 73-74 (= 1909, p. 515-516). Por outro lado, deve ser apontado que nenhuma invenção comparável pode ser encontrada em *adv. XV*, 17 na seção sobre a *Vita Secundi*: veja meu artigo italiano mencionado acima, n. \*.

<sup>39</sup> HILDEBRAND, 1842, II, p. 103 (e cf. p. 486).

<sup>40</sup> Não mencionei as reimpressões anastáticas de obras que agora estão disponíveis gratuitamente on-line.

CAMERARIUS, Ioachim. **Opuscula quaedam moralia, ad vitam tam publicam quam privatam recte instituendam utilissima.** Francofurti: Apud haeredes Andreae Wecheli, 1583.

CARVER, Robert H. F. **The Protean Ass. The Metamorphoses of Apuleius from Antiquity to the Renaissance.** Oxford et al.: Oxford University Press, 2007.

CASTORINA, Emanuele. **Apuleio poeta.** Catania: Giannotta, 1950.

CLEMEN, Otto. Handschriften und Bücher aus dem Besitze Kaspar v. Barths in der Zwickauer Ratsschulbibliothek. **Zentralblatt für Bibliothekswesen** 38, p. 267-289, 1921.

CUGUSI, Paolo; SBLENDORIO CUGUSI, Maria Teresa. **Studi sui carmi epigrafici.** Carmina Latina Epigraphica Pannonica (CLEPann). Bologna: Pàtron, 2007.

DEUFERT, Marcus. **Textgeschichte und Rezeption der plautinischen Komödien im Altertum.** Berlin - New York: de Gruyter, 2002.

DÜNNHAUPT, Gerhard. **Personalbibliographien zu den Drucken des Barock.** I. Stuttgart: Hiersemann, 1990.

GAISSER, Julia Haig. **The Fortunes of Apuleius and the Golden Ass. A Study in Transmission and Reception.** Princeton - Oxford: Princeton University Press, 2008.

GRIGNASCHI, Massimo. Lo pseudo Walter Burley e il *Liber de vita et moribus philosophorum*. **Medioevo** 16, p. 131-190, 1990a.

GRIGNASCHI, Massimo. *Corrigenda et addenda* sulla questione dello ps. Burleo. **Medioevo** 16, p. 325-354, 1990b.

HARRISON, Stephen John. **Apuleius. A Latin Sophist.** Oxford et al.: Oxford University Press, 2004<sup>2</sup> (reimpr. corr. de 2000<sup>1</sup>).

HEIDE, Martin. Secundus Taciturnus. **Die arabischen, äthiopischen und syrischen Textzeugen einer didaktischen Novelle aus der römischen Kaiserzeit.** Wiesbaden: Harrassowitz, 2014.

HILDEBRAND, Gustav Friedrich. **L. Apuleii Opera omnia. I-II.** Lipsiae: Sumtibus C. Cnoblochii, 1842.

HOFFMEISTER, Johannes. **Kaspar von Barths Leben, Werke und sein Deutscher Phönix.** Heidelberg: Winter, 1931.

HOFMANN, Johann Baptist; SZANTYR, Anton. **Lateinische Syntax und Stilistik**. München: Beck, 1972<sup>2</sup> (reimpr. corr. de 1965<sup>1</sup>).

JANISZEWSKI, Paweł; STEBNICKA, Krystyna; SZABAT, Elżbieta. **Prosopography of Greek Rhetors and Sophists of the Roman Empire**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

KNUST, Hermann. *Gualteri Burlaei Liber de vita et moribus philosophorum mit einer altspanischen Übersetzung der Eskurialbibliothek*. Tübingen: Litterarischer Verein in Stuttgart, 1886.

LÖFSTEDT, Leena. **Les expressions du commandement et de la défense en latin et leur survie dans les langues romanes**. Helsinki: Société Néophilologique, 1966.

MATTIACCI, Silvia. Apuleio ‘poeta novello’. In: TANDOI, Vincenzo (ed.). *Disiecti membra poetae. Studi di poesia latina in frammenti*, II. Foggia: Atlantica Editrice, 1985. p. 235-277.

MENNELLA, Giovanni. Messaggi nelle *figlinae*: un nuovo graffito *ante cocturam* dall’*ager Taurinensis*. *Sylloge Epigraphica Barcinonensis* 10, p. 309-318, 2012.

MOMMSEN, Theodor. Lateinisches Glossar des cod. Vat. 2730. *Hermes* 8, p. 67-74, 1874; reimpr. parcial atualizada em Id. **Gesammelte Schriften**. VII (*Philologische Schriften*), p. 515-516. Berlin: Weidmann, 1909.

171

MONDIN, Luca. Sui carmi latini epigrafici della Pannonia. *Eikasmos* 20, p. 450-460, 2009.

MÜLLER, Ed. Richard. **Heinrich Loufenberg, eine litterar-historische Untersuchung**. Berlin: Rehm, 1888.

OUDENDORP, Franz van; BOSSCHA, Johannes. **Appuleii Opera omnia**. II. Lugduni Batavorum: Luchtmans, 1823.

OVERWIEN, Oliver. Secundus the Silent Philosopher in the Ancient and Eastern Tradition. In: CUPANE, Carolina; KRÖNUNG, Bettina (eds.). **Fictional Storytelling in the Medieval Eastern Mediterranean and Beyond**. Leiden - Boston: Brill, 2016. p. 338-364.

PAPATHOMOPOULOS, Manolis. “Οι Γνῶμες τοῦ Σεκούνδου.” *Dodone* 5, p. 369-391, 1976; reimpr. em PAPATHOMOPOULOS, p. 92-114, 1990.

PAPATHOMOPOULOS, Manolis. Γνῶμες γιὰ τὸν Σεκοῦνδο. *Dodone* 9, p. 311-321, 1980; reimpr. em PAPATHOMOPOULOS, p. 115-125, 1990.

PAPATHOMOPOULOS, Manolis. **Varia philologica et papyrologica. I.** Jannina: Université de Jannina, 1990.

PERRY, Ben Edwin. **Secundus the Silent Philosopher.** Ithaca (N. Y.): The American Philological Association, 1964.

PINKSTER, Harm. **The Oxford Latin Syntax. I.** Oxford: Oxford University Press, 2015.

PRELOG, Jan. Die Handschriften und Drucke von Walter Burleys *Liber de vita et moribus philosophorum. Codices manuscripti 9*, p. 1-18, 1983.

REINESIUS, Thomas. **Epistolae, ad Cl. V. Christianum Daumium... Accedunt alia Eiusdem, et ipsius Daumii Epistolae ad Reinesium...** Hamburgi: Sumtibus Gothofredi Schultzen – Amsterodami: apud Joannem Janssonium a Waesberge – Jenae: Typis Joannis Nisl, 1670.

ROSS, Alan S. **Daum's Boys. Schools and the Republic of Letters in Early Modern Germany.** Manchester: Manchester University Press, 2015.

SCARDINO, Carlo. **Edition antiker landwirtschaftlicher Werke in arabischer Sprache. I (Prolegomena).** Boston – Berlin: de Gruyter, 2015.

SCHIPKE, Renate. **Die mittelalterlichen Handschriften der Ratsschulbibliothek Zwickau.** Bestandsverzeichnis aus dem Zentralinventar mittelalterlicher Handschriften (ZIH). Berlin: Deutsche Staatsbibliothek, 1990.

SINGER, Samuel (ed.). Thesaurus proverbiorum Medii Aevi – **Lexikon der Sprichwörter des romanisch-germanischen Mittelalters. II.** Berlin – New York: de Gruyter, 1996.

STEBNICKA, Krystyna. Sekundos – milczący sofista?. In: WOLICKI Aleksander (ed.). TIMAI. **Studia poświęcone profesorowi Włodzimierzowi Lengauerowi...,** p. 117-133. Warszawa: Wydawnictwa Uniwersytetu Warszawskiego, 2009.

STEINMETZ, Peter. **Untersuchungen zur römischen Literatur des zweiten Jahrhunderts nach Christi Geburt.** Wiesbaden: Steiner, 1982.

STIGALL, John O. H. **The *De vita et moribus philosophorum* of Walter Burley: an edition with introduction.** Diss. University of Colorado (datilogr.), 1956.

TOSI, Renzo. **Dizionario delle sentenze latine e greche.** Milano: Rizzoli, 2017<sup>2</sup> (1991<sup>1</sup>).

UCCIARDELLO, Giuseppe. New Light on P. Strasb. Gr. 1406–1409: An Early Witness of Secundus' Sentences. In: DERDA, Tomasz; ŁAJTAR, Adam; URBANIK, Jakub (eds.; colab. Grzegorz Ochała; Andrzej Mirończuk). **Proceedings of the 27th International Congress of Papyrology (Warsaw, 29 July – 3 August 2013)**, p. 251-277. Warsaw: University of Warsaw, 2016.

VIDMANOVÁ, Anežka. La formation de la seconde rédaction des *Vite philosophorum* et sa relation à l'œuvre originale. **Medioevo** 16, p. 253-272, 1990.

VOGEL, Manuel. **Commentatio mortis. 2Kor 5,1-10 auf dem Hintergrund antiker ars moriendi**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2006.

WALTHER, Hans; SCHMIDT, Paul Gerhard (eds.). Proverbia sententiaeque Latinitatis medii ac recentioris aevi. Nova series – **Lateinische Sprichwörter und Sentenzen des Mittelalters und der frühen Neuzeit in alphabetischer Anordnung. Neue Reihe**. II, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1983.

WOLFF, Étienne. Les *Adversaria* de Caspar von Barth (1587-1658): histoire, dessein et influence de l'œuvre. **Latomus** 56, p. 40-53, 1997.

WOLFF, Étienne. Barth (Caspar von) (1587-1658). In: NATIVEL, Colette (ed.). Centuria Latinae. **Cent une figures humanistes de la Renaissance aux Lumières**. II, p. 57-60. Genève: Droz, 2006.

Data de envio: 8/10/2024  
Data de aprovação: 8/8/2025  
Data de publicação: 19/12/2025